



Autoria, paratexto e recepção das traduções de Venuti

Luana Ferreira de Freitasⁱ (UFC)

Camila Araújo da Silvaⁱⁱ (UFC)

Resumo: Este artigo visa analisar a visibilidade de Lawrence Venuti nos paratextos que acompanham as obras traduzidas por ele, sobretudo em *Fantastic Tales* (1992), *Passion* (1998), *One Hundred Strokes of the Brush Before Going Bed* (2004) e *The Goodbye Kiss* (2006) e a recepção pela crítica dos mesmos.

Palavras-chave: Lawrence Venuti, visibilidade, tradutor.

Abstract: This article aims at analyzing the visibility of Lawrence Venuti in the paratexts of works translated by him, in particular in *Fantastic Tales* (1992), *Passion* (1998), *One Hundred Strokes of the Brush Before Bed* (2004) and *The Goodbye Kiss* (2006) and the critics reception to those.

Keywords: Lawrence Venuti, visibility, translator.

Esse artigo é um desdobramento de outras comunicações e textos que integram a pesquisa intitulada *Autoria e Visibilidade em Lawrence Venuti, teórico e tradutor*, que pretende investigar a aplicabilidade dos postulados teóricos de Venuti na sua prática tradutória¹. As análises apresentadas anteriormente² indicam uma postura bastante naturalizadora, ou domesticadora, para usar o jargão do próprio teórico, nas suas traduções, contrariamente ao que se esperaria de Venuti. Foram examinadas as traduções para o inglês de uma antologia de contos de Tarchetti, organizada por Venuti, intitulada *Fantastic Tales; Fosca*, do mesmo autor; *One*

¹ Pesquisa da professora Dra. Luana Ferreira de Freitas, vinculada à qual Camila Araújo da Silva foi bolsista de PIBIC.

² *O plágio retraduzido: o caso de Tarchetti e Venuti*, apresentada no I Simpósio de Tradução Literária da UFC; *Uma análise da visibilidade em Venuti*, apresentada na VIII Semana de Humanidades da UFC; *Venuti tradutor de Tarchetti*, apresentada na ABRALIC e *Venuti teórico e tradutor*, apresentada na UnB.

Hundred Strokes of the Brush Before Bed de Melissa Panarello e, por fim, *The Goodbye Kiss* de Massimo Carlotto.

Nosso objetivo aqui é investigar se Venuti consegue se tornar visível no paratexto escrito por ele mesmo nas suas traduções e nas críticas escritas sobre os textos em análise, uma vez que, nas traduções em si, ele se mostrou bastante atento ao mercado editorial e à expectativa de legibilidade que ele tanto condena em seus escritos.

Contrariamente à visão de Venuti, na nossa opinião, a visibilidade do tradutor se dá, de maneira mais exata, sobretudo, no paratexto, onde ele pode expor suas estratégias e, em especial, onde ele se resguarda de críticas, expondo questões estilísticas do autor, como colocações originais, elipses ou pontuação idiossincrática. Se o tradutor puder usar esse espaço, ele se preserva da exposição ao traduzir autores que têm como característica a graça e a inventividade verbal. Vários exemplos podem ser citados, mas nos atemos aqui à tendência ao alongamento, já assinalada por Berman,³ em traduções de prosa, com vistas a explicitar elipses, como é o caso da tradução de Pontiero de *Perto do coração selvagem* de Lispector para o inglês.

Para fins de análise de paratexto nas traduções de Venuti, nos deteremos em notas, prefácios, introduções, posfácios, orelhas ou outros elementos paratextuais em que o tradutor pode ter voz e visibilidade e examinaremos os textos em ordem crescente de publicação.

Em *Fantastic Tales*, antologia publicada em 1992, há orelha e introdução. As orelhas são, em geral, escritas por editores assistentes e parece que é o caso na antologia traduzida por Venuti, uma vez que não se tem referência à autoria desse texto específico. A introdução é assinada por Venuti e o tradutor a inicia com a mais que famosa citação de Barthes “Como instituição, o autor está morto: sua pessoa civil, passional, biográfica, desapareceu; desapossada, já não exerce sobre sua obra a formidável paternidade que a história literária, o ensino, a opinião tinham o encargo de estabelecer e de renovar a narrativa” (1987, p. 37). E, apesar de iniciar seu texto com tal epígrafe, Venuti descreve a vida e a obra de Tarchetti por exatas 11 páginas da introdução, que conta, na sua totalidade, com 19.

³ A tradução e a letra ou o albergue do longínquo, 7Letras.

É claro que é expectativa do mercado e do leitor que se apresente o autor no paratexto, mas com as repetidas investidas do teórico contra o mercado editorial, a negligência com que trata o leitor ao longo de sua carreira de teórico e o uso dessa citação de Barthes, em particular, a opção por destacar a vida de Tarchetti e suas aventuras, justificando a obra com dados biográficos, parece um tanto paradoxal. Bom, de qualquer forma, o leitor sai ganhando por ter acesso a um autor desconhecido não só na cultura de chegada, como na cultura de partida, mediante um texto que indica ampla pesquisa sobre o autor, incluindo aspectos pessoais e profissionais.

Venuti devota quatro páginas à questão da tradução em si e, na maior parte delas, versa sobre suas obsessões: a hegemonia anglo-americana, a invisibilidade do trabalho do tradutor, o cânone literário, a política literária e a defesa de Tarchetti como um grande escritor injustamente negligenciado:

Mas, se Tarchetti deve assumir tal importância em inglês, a tendência inevitável ao narcisismo cultural, a enxergar apenas o que lembra a cultura anglo-americana em qualquer encontro com outra cultura, deve ser firmemente recusada em favor de encontrar o que é singular nele⁴. (1992, p. 16)

Suas estratégias de tradução ocupam dois parágrafos apenas e, no meu entender, negam o que ele diz anteriormente:

Procurei imitar o léxico e a sintaxe arcaica de um escritor de língua inglesa cuja obra o próprio Tarchetti tinha imitado, ou seja, Poe, embora da forma mais discreta possível, sem o excesso estilístico que sugeriria uma autoparódia. O objetivo foi uma tradução que parecesse estranha, distanciada do uso contemporâneo do inglês e, ainda assim, reconhecível e muito legível. (1992, p. 18)

Bastante curioso observar como Venuti aproxima Tarchetti dos seus leitores, ou seja, leitores do inglês, apostando não só em Poe, um escritor canônico e reconhecido na sua cultura, quanto na legibilidade da tradução, o que contraria a sua estratégia teórica de estrangeirização. Mais uma vez, sorte do leitor que pode ler um texto sem os acessos estrangeirizantes do teórico Venuti.

⁴ Todas as traduções do inglês foram feitas pelas autoras.

O tradutor afirma também:

Minha ideia foi desenvolver uma estratégia que, espero, impediria que o leitor de inglês só enxergasse meu texto como uma tradução, certamente não como uma janela transparente através da qual se visse o texto italiano, mas, ao contrário, como uma obra independente, próxima à italiana de Tarchetti, contudo, escrita numa língua diferente, com uma tradição cultural diferente, num momento histórico diferente. (1992, p. 17)

Quando Venuti diz pretender, enquanto estratégia, visar a uma obra independente, próxima àquela de Tarchetti, escrita numa língua diferente, com uma tradição cultural diferente, não estaria ele falando da atividade tradutória como um todo? A tradução deveria ser, pelo menos em tese, próxima ao original, em outra língua e numa cultura diferente necessariamente. Assim, o que há do teórico da visibilidade do tradutor nessa estratégia?

Apesar das contradições, Venuti teve grande visibilidade no paratexto de *Fantastic Tales* não apenas pela extensa introdução, mas também por ter seu nome na capa, prática infelizmente ainda pouco comum no mercado. Cabe ressaltar ainda que essa tradução foi viabilizada por bolsas da *Temple University*, onde Venuti é professor, e da *National Endowment for Humanities*, agência de fomento norte-americana independente, o que ratifica, pelo menos naquele então, sua visibilidade no âmbito acadêmico, como pesquisador.

A *Publishers Weekly*, revista norte-americana especializada em resenhas e que tem como público editoras, livreiros e agentes literários, publicou uma resenha de *Fantastic Tales*⁵ em janeiro de 1992 em que exalta os “nove contos excepcionalmente bem traduzidos” e o prefácio “consciencioso” do tradutor.

A *Mercury House*, editora norte-americana que publicou a antologia de Tarchetti, resenhou a tradução dos contos do autor italiano em agosto de 1992⁶. No texto da editora, Venuti é apresentado como o responsável por apresentar este autor, “um estranho, figura romântica agora quase esquecido até mesmo pelos leitores italianos.” O texto elogia a tradução “fluente, mas que retém o sabor da época, fiel ao estilo e personalidade do intrigante e talentoso autor”.

⁵ Disponível em: www.publishersweekly.com/978-1-56279-020-2

⁶ Disponível em: books.google.com.br/about/Fantastic_tales.html?id=ZTJdAAAAMAAJ&redir_esc=y

Percebe-se que, a exemplo do paratexto, Venuti goza de grande visibilidade nas críticas à sua tradução dos *Racconti Fantastici*.

Passion, publicado em 1998, além de também apresentar o nome do tradutor na capa, traz uma introdução assinada por ele mesmo. No texto, Venuti escreve sobre a vida de Tarchetti, incidentes reais narrados no romance, a carreira de Tarchetti como escritor, a obra em si, duas adaptações do romance, para o cinema e para o teatro, e, por fim, seu projeto tradutório.

De acordo com o tradutor:

O teste de uma tradução nunca se restringe meramente à precisão e à legibilidade, como são definidas de acordo com os padrões prevalentes (...). A questão não é que o tradutor deve buscar valores domésticos em culturas estrangeiras, antigas ou atuais, mas que uma tradução efetiva deve desnaturalizar o doméstico, importando o estrangeiro. (1998, p. xiii)

E, mais adiante, Venuti afirma:

Busquei produzir uma tradução que assimilasse [o romance] em uma comparável tradição em língua inglesa. Minha ideia foi a de desenvolver um estilo inglês que fosse arcaico e, ainda assim, muito legível, capaz de evidenciar suas origens do séc. XIX do texto italiano, mas prontamente inteligível para causar um prazer absorvente. Optei por léxico, sintaxe, pontuação e ortografia do romance britânico do séc. XIX, fiz listas de palavras e frases de tais obras, como, por exemplo, de *Dracula* de Bram Stoker. (1998, p. xv)

Observamos, mais uma vez, que Venuti se contradiz quando afirma que a tradução não deve ser avaliada pela legibilidade mas defende que a cultura de chegada deve importar o estrangeiro e, duas páginas adiante, diz que primou justamente pela legibilidade e que usa autores canônicos britânicos como referência. A despeito das contradições, Venuti escreve uma longa introdução, o que lhe garante grande visibilidade. Cabe destacar que dessa vez seu texto é bem menos enfático em relação aos ataques à hegemonia norte-americana e à política editorial e que não há menção de ajuda institucional para a tradução de *Fosca*.

Em *One Hundred Strokes of the Brush before Bed*, de 2004, pela Serpent's Tail, tradução do romance erótico de Panarello, um sucesso absoluto de vendas, traduzido, de acordo com a contracapa do romance, para mais de 30 línguas e com mais de dois

milhões de exemplares vendidos, chama a atenção o nome do tradutor na contracapa, ao lado do código de barras, prática pouco comum.

A voz de Venuti só é escutada nos agradecimentos de quatro linhas, no verso da folha de rosto, em que se lê: "O tradutor gostaria de agradecer Melissa P., por suas respostas pacientes a indagações sobre questões estilísticas; a Lauren Wein, por sua ajuda com termos de vestuário e a Martha Tennent, por seu constante apoio tanto moral quanto de outra natureza". (2004, p. I).

Apesar de o volume não apresentar nenhuma outra instância de visibilidade para Venuti, como, por exemplo, prefácio ou notas, é de impressionar o fato de a tradução apresentar agradecimentos do tradutor; ou melhor, o que impressiona mesmo é o prestígio de que Venuti goza enquanto tradutor na sua cultura, o que se confirma com a possibilidade de ele inserir agradecimentos próprios em uma obra traduzida, indicando, portanto, certa visibilidade.

Em novembro de 2004, o jornal australiano *The Age* publica uma resenha da tradução do romance erótico de Panarello⁷. Penny Hueston, a resenhista e famosa editora daquele país, faz críticas incisivas ao romance, comenta trama e compara a autora a outros escritores. Apesar de mencionar, logo no primeiro parágrafo que se trata de um best-seller italiano, em nenhum momento Hueston cita o tradutor ou a tradução.

Na resenha⁸ publicada em 2004 na revista eletrônica *The Best of Sicily*, Maria Luisa Romano escreve um longo texto em que exalta a ousadia da autora e discute o possível impacto que o romance pode ter tido nas mulheres italianas. No último parágrafo, Romano acrescenta: "Devo dizer que a tradução para o inglês de Lawrence Venuti é perfeitamente fiel às nuances do original italiano, mas a edição em inglês pode ter sido até um pouco mais completa com esclarecimentos como, por exemplo, a informação de que Nicolosi é uma pequena cidade localizada nas encostas do Etna ou que Via Etna é a rua principal de Catânia".

Percebemos que a visibilidade de Venuti variou radicalmente nas duas resenhas: enquanto o jornal australiano ignorou inclusive a tecnicidade de citar o

⁷ Disponível em: www.theage.com.au/articles/2004/11/12/1100227567826.html

⁸ Disponível em: www.bestofsicily.com/mag/art140.htm

nome do tradutor ao lado ou abaixo do nome do autor, no cabeçalho, a *The Best of Sicily* exaltou a tradução de Venuti. Tal exaltação, porém, pode soar um tanto insultuoso a Venuti, já que elogia justamente a fidelidade da sua tradução, um dos principais traços combatidos pelo estudioso norte-americano nas suas pregações pela estrangeirização. Assim, apesar de Venuti estar visível nessa crítica, ele não poderia estar mais invisível de acordo com os próprios preceitos.

Em *The Goodbye Kiss*, tradução de *Arrivederci amore, ciao*; de 2006, pela Europa Editions, tem-se orelha não-assinada e, na ficha catalográfica, o que é bastante curioso, os agradecimentos do autor e do tradutor: "O tradutor agradece a Clementina Luizzi, Toby Olson e, pelo tipo certo de inspiração, Andrews Vachss".

Cabe constatar como o tradutor foi ficando invisível na sua prática tradutória com o passar dos anos. Nos anos 90, quando *Fantastic Tales* e *Passion* foram publicados e quando Venuti era celebrado por sua teoria da visibilidade, os paratextos refletem seu prestígio e o tradutor escreve longas introduções e seu nome aparece na capa. Contudo, já há uma diferença entre os dois trabalhos analisados daquela década: apenas o primeiro, *Fantastic Tales*, contou com auxílio financeiro, o que indica o peso enquanto pesquisador que o tradutor tinha naquela época.

A diferença quanto à visibilidade de Venuti nas duas traduções vistas nos anos 2000 é patente. Na tradução para o romance de Panarello, de 2004, seu nome aparece na contracapa, quase imperceptível, e sua voz só é ouvida nos agradecimentos. Já em *The Goodbye Kiss*, de 2006, há uma radicalização da invisibilidade: seus agradecimentos aparecem na ficha catalográfica e seu nome some da capa e contracapa e só aparece onde é regra, ou seja, na folha de rosto e na ficha catalográfica.

Apesar de toda fama e dos livros de teoria vendidos e enaltecidos por muitos estudiosos da tradução, sobretudo nos anos 80 e 90, Venuti não escapa das leis do mercado e, não só acaba primando pela legibilidade, como, depois de ter traduzido Tarchetti, que ele toma como missão, os títulos traduzidos são *best-sellers*. Parece que, melancolicamente, tanto a visibilidade do teórico como a do tradutor foram apagadas.

Referências Bibliográficas

BARTHES, R. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

TARCHETTI, I. U. *Fantastic Tales*. Tradução e organização de Lawrence Venuti. San Francisco: Mercury House, 1992.

TARCHETTI, I. U. *Passion*. Tradução de Lawrence Venuti. San Francisco: Mercury House, 1998.

ⁱ Luana FERREIRA DE FREITAS, Profa.Dra.
Universidade Federal do Ceará (UFC)
luanafreitas.luana@gmail.com

Camila ARAÚJO DA SILVA, estudante
Universidade Federal do Ceará (UFC)